



A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA PELA PERCEÇÃO DA PSICOMOTRICIDADE RELACIONAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Autor: Monica Giordana Francieli Blau Rodrigues¹ (1);

Co-autor: Sandra Ferreira Tavares¹ (1);

Co-autor: George Tawlinson Soares Gadêlha¹ (2);

Co-autor: Magali Cabral Segundo Medeiros¹ (3);

Orientador: Priscilla Pinto Costa da Silva

¹Universidade Federal Rio Grande do Norte (UFRN), Natal/RN, Brasil.

E-mail: monicagiordanarodrigues@gmail.com

RESUMO

A Psicomotricidade Relacional (PR) é uma prática de caráter educativo sobre o processo de desenvolvimento cognitivo, psicomotor e sócio emocional, os quais estão diretamente ligados a fatores psicoafetivos que permitem a expressão de conflitos relacionais. É essencial que tais conflitos sejam superados, o que por meio do brincar no jogo simbólico é possível, já que as emoções e sensações percebidas no corpo, perpassam seu inconsciente para a expressão corporal sendo o enfrentamento de conflitos internos de suma importância para a construção da autonomia na criança. O objetivo do trabalho foi analisar como a prática da PR pode contribuir em relação a construção da autonomia no desenvolvimento da criança. O presente trabalho é um estudo de caso que se realizou em uma escola no município Fortaleza – CE, com um aluno da Educação Infantil, do sexo masculino, com idade de 4 anos, o qual chamaremos de R, que era totalmente dependente, sem autonomia até para criar vínculos com os outros colegas de sala de aula. Foram realizadas sessões de PR com todos os alunos, contudo, nosso cerne foi em relação ao crescimento da autonomia da criança R. A professora regente da turma, nos fez um relato prévio das características comportamentais de R, assim como outro relato pós para analisarmos se houveram mudanças ou progressos. O que observamos é a relevância da PR, para o desenvolvimento da autonomia da criança por meio das habilidades vivenciadas normalmente nas vivências lúdicas. Dessa forma, o que se espera é que a escola no atendimento da criança na Educação Infantil, desempenhe seu papel fundamental que é o de promover atividades que oportunizem o enriquecimento nas suas capacidades físicas, cognitivas, emocionais, favorecendo a autonomia através do Lúdico, o que nas sessões de PR pudemos perceber progressos significativos.

Palavras-chaves: Educação Infantil, Psicomotricidade Relacional, Jogo simbólico, Autonomia.

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil (EI), tem aspectos significantes para a construção e desenvolvimento do ser. Entre eles, o de reconhecer a criança como sujeito imersa num processo de construção, que deixa de ser anexo de sua família, para ser constituída em sua autonomia e independência, todavia esse encadeamento de estruturação da autonomia e independência da criança, influirá



substancialmente em seu estado emocional, de forma que a ansiedade e os sentimentos de insegurança diminuirão sua disponibilidade para investir em outro meio e acessar novas experiências, daí a importância da escola na EI, que deve levar em conta a criação de um clima, de um ambiente educativo que permita à criança, tomar consciência de que existe a partir de suas próprias sensações, percepções e experiências, (SÁNCHEZ, MARTINEZ E PENÁLVER, 2003).

À vista disso, a primeira infância é repleta de descobertas e deslumbramentos e é nessa fase que o imaginário está a “todo vapor”. A criança é criativa por natureza e essa criatividade é expressa das mais variadas formas: nas brincadeiras, nas expressões do corpo, na emissão dos sons e até no silêncio. Percebe-se que com o passar dos anos, que a criança tende a se enquadrar e se engessar em função da ordem, disciplina e “bom comportamento”. Freire e Scaglia (2011) enunciam que, o controle sobre o movimento é uma maneira de controlar a criança. Dessa forma, como diz os autores, a limitação da expressividade corporal pode ser chamada de domesticação do ato motor, o que nos é muito comum em nossa sociedade. Contudo, observa-se nas crianças da EI, que elas são extremamente ativas e expressivas, e nessa idade, é fundamental que elas se expressem e tenham condições de usar sua criatividade para assegurar seu desenvolvimento. Desse modo, espera-se que essas crianças vivenciem atividades prazerosas através do seu corpo, e que o movimento seja compreendido como formas de expressão da criança a fim de extrair a intenção e seus desejos mais profundos, e só conhecendo e usufruindo de tais ações que a criança poderá se desenvolver, afim de ser feliz e autônoma (VAZ, 2010).

Isto posto, cabe agora definir o conceito geral de autonomia como a capacidade de um indivíduo racional de tomar decisões não forçadas e baseadas em suas informações disponíveis. Freire e Scaglia (2011) sintetizam a definição de autonomia como a capacidade de se auto governar. Nesse ensejo, o jogo é, portanto, uma atividade que além de prazerosa, favorece a expressividade, estimula a criatividade e o desenvolvimento mental das crianças, sendo uma ferramenta integrante para criar uma trilha rumo ao desenvolvimento autônomo. É nessa dialética que se discorre sobre a prática da Psicomotricidade Relacional (PR) e as relações geradas nas sessões psicomotoras com os objetos e com o outro, dispondo assim, de propostas que enquadram justamente essa perspectiva, fornecendo a oportunidade de desenvolvimento integral da criança por meio do jogo, o qual será demonstrado no presente trabalho a fim da construção da autonomia.

Neste sentido, esta pesquisa tem como objetivo, analisar de que maneira a PR pode contribuir através do jogo simbólico de forma espontânea, para a construção da autonomia no desenvolvimento da criança na educação infantil.



Destarte, justifica-se esta pesquisa, por sua relevância para áreas educacionais que necessitem de embasamento e sugestões para lidar com as situações postas no cotidiano no contexto escolar da Educação Infantil (EI). Assim como, pelo valor que apresenta o tema, a construção da autonomia da criança na EI pela percepção da Psicomotricidade Relacional (PR), da mesma forma que há a necessidade de profissionais que apreenda a demanda da criança promovendo a sua autonomia e promovendo um espaço para sua expressão simbólica dos sentimentos, sensações e conflitos para uma evolução de comportamento construtivos para seu desenvolvimento integral. Haja vista que, no universo escolar, autonomia se dá quando o aluno é capaz de se expressar, estabelecer relações, desenvolver capacidades, interagir e chegar a suas próprias conclusões.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de caso descritivo, realizado em uma escola privada, por nome Colégio Master, localizado na Avenida Bezerra de Menezes, Fortaleza-CE, na Educação Infantil (EI) IV, turma Maçã, do turno vespertino, no período de 14 (quatorze) de março a 20 (vinte) de junho de 2011. O sujeito escolhido foi um aluno do gênero masculino, com idade de 4 anos, o qual chamaremos de R. O aluno R, participou de 16 sessões aplicadas com a prática educativa da Psicomotricidade Relacional (PR), com mais 7 crianças da EI na etária entre 4 e 5 anos de idade, os quais visivelmente não exibiam nenhuma dificuldade, transtornos ou síndromes que os impossibilitasse de participar das sessões. As sessões psicomotoras aconteciam uma (1) vez por semana com duração de cinquenta (50) minutos a uma (1) hora, onde continha o ritual de entrada, construção da atividade espontânea, técnicas respiratórias e de relaxamento para trabalhar tanto o controle respiratório quanto o contato com o interior de cada um e ritual de saída.

Com o intuito de avaliar a contribuição das sessões de PR em relação a construção da autonomia do aluno R, a professora regente da turma respondeu um questionário semiestruturado antes da primeira sessão e após a última. A repetição do questionário, deu-se com a finalidade de aferição das respostas da professora pré e pós prática educativa da PR, para averiguar as mudanças sentidas no comportamento de R sempre em relação a construção da sua autonomia. As 16 sessões se deram através da ação do jogo simbólico sempre de maneira espontânea.

Utilizou-se também uma Guia de acompanhamento individual para R, observando durante a sessão de PR a sua relação com o adulto, com outras crianças, com os objetos, com o espaço, sua resposta à frustração, permanência na relação e sentimentos expressos, como um relatório reflexivo feito no final de cada sessão, com o propósito de investigar se o objetivo da sessão foi alcançado.



As sessões de PR foram as seguintes:

SESSÕES	MATERIAL	JOGO SIMBÓLICO
01	Bolas	ESPONTÂNEO
02	Bambolês	
03	Espaguetes	
04	Tecidos	
05	Caixas de Papelão	
06	Cordas	
07	Jornais	
08	Bolas e Bambolês	
09	Espaguetes e Tecidos	
10	Caixas de Papelão e cordas	
11	Jornais e Bolas	
12	Tecidos e Balões, Bonecas e Almofadas	
13	Bolas, Bambolês, Cordas e Caixas de Papelão	
14	Espaguetes, Jornais, Bolas e Cordas	
15	Bambolês, Tubos de Malha e Tecidos	
16	Caixas de Papelão, Cordas, Espaguetes, Bolas, Bonecos e Tecidos	

Quadro1: Sessões de PR.

Nas 7 (sete) primeiras sessões utilizamos apenas 1 (um) material. Da oitava sessão em diante foram dispostos 2 (dois) ou mais objetos conforme a demanda e afinidade de R durante os jogos simbólicos.

Todo material coletado foi gravado e registrado em fotos, com a devida autorização do grupo e da escola. Conjuntamente, fez-se necessário para aprimorar o trabalho, realizar uma pesquisa bibliográfica, cujas interpretações teóricas sobre o tema embasaram as proposições criadas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES



As sessões de Psicomotricidade Relacional aconteceram na sala de Balé, provida pelo Colégio Master, espaço esse que durante as sessões é chamado de “*Setting*”. Inicialmente faz-se o ritual de entrada, abre-se o jogo simbólico, usa-se de técnicas respiratórias e de relaxamento e no final o ritual de saída.

Assim sendo, a PR permite que o aluno se expresse através de vivências corporais e espontâneas, experimentadas por meio dos jogos criados, do lúdico e do brincar. A prática recorre as vivências destes jogos, onde o lúdico se manifesta, permitindo a expressividade do inconsciente por meio da manifestação corporal. A prática da PR, cria um ambiente lúdico que serve de estímulo para o desenvolvimento integral do aluno, onde o jogo simbólico não impõe regras assim como não é diretivo, apenas segue um ritual de organização.

Nesta lógica, far-se-á necessário resumidamente uma descrição de algumas atividades realizadas e como R portou-se durante as sessões. Na primeira sessão R e as outras 7 crianças da turma participaram, e o material disposto foram bolas. O aluno R chorou muito, demonstrando resistência em permanecer no “*setting*” sem a auxiliar da professora, o que testifica dependência e fragilidade. Uma criança que demonstra insegurança e descontrole emocional quando posta em uma situação nova, dá indícios de falta de autonomia. Na sessão com bambolês o grupo brincava à vontade entre si e com os materiais, exceto R que chorava e resistia em permanecer na sessão sem a auxiliar da professora. Na terceira sessão onde o material foram os espaguete, R, começou a demonstrar interesse em interagir com a Psicomotricista que se dispunha corporalmente em busca do contato com ele, mas ainda dependente da auxiliar para continuar na sessão. Contudo, a partir de tal abertura, R começou a estabelecer um vínculo de confiança com a Psicomotricista e com os outros alunos criando indícios de independência e autonomia. Somente da quarta sessão que R não precisou mais da presença da auxiliar da professora para permanecer no “*setting*”, assim como passou a interagir mesmo que timidamente com o objeto que desta vez eram tecidos. A partir da quinta sessão com caixas de papelão, o grupo já estavam integralmente interligados e ávidos pelo jogo simbólico e a relação com os objetos, da mesma forma que ansiavam pelo contato com o outro e com o corpo, o que acontecia espontaneamente. Nessa sessão R, disponibilizou-se ao contato corporal mais descontraído com o objeto e com os outros, estabelecendo relação com a Psicomotricista e demonstrando segurança e independência o que evidencia progresso rumo a construção de um ser autônomo. Na sessão das cordas, R, expressou-se em jogos bem estruturados como pular corda sozinho ou com os outros, disputando cabo de guerra, amarrando e deixando ser amarrado, mostrando natural independência. Na sessão de jornal, R, já demonstrava alegria em



participar do jogo simbólico de forma espontânea, interagia com o objeto, com o espaço, com os outros e estabeleceu relações corporalmente. As outras sessões deram-se com vários objetos juntos, com o intuito de proporcionar os objetos mais significativo para R, propiciando a construção nas relações inter e intrapessoal, observando o crescimento da autonomia com manifestações afetivas, contatos corporais espontâneos e a socialização de R com o grupo. Nessas sessões com vários materiais, o jogo simbólico e as brincadeiras de R, tornaram-se mais criativas, e a estruturação de sua autonomia era percebida no decorrer de cada sessão de PR.

Deste modo, por possuir como base a espontaneidade, a criatividade e a interatividade, as crianças transferem situações do mundo real para o imaginário durante o jogo, e por meio dessa expressividade assumem diferentes atitudes e papéis. (BENEDET, 2011). O jogo simbólico, que é característica da PR, tem como premissa justamente a espontaneidade, onde as crianças brincam, jogam e exploram livremente tanto os materiais dispostos na sessão, como as expressões do seu corpo e o corpo do outro assim como o meio que o cerca. O contato corporal nessas sessões é inevitável e muito importante, pois a disponibilidade corporal abre portas para a criação de vínculos e a construção de relações, as quais são indispensáveis para o desenvolvimento do ser. Dessa forma, é utilizado o jogo simbólico e não verbal que segundo Lapierre (2005), quando se prioriza a comunicação não verbal pela comunicação corporal através de situações lúdicas, induz-se a expressão corporal de sentimentos que mais tarde podem ou não tornar consciente. Essa expressividade corporal do inconsciente pode dominar angústias e tristezas, assim como controlar e canalizar impulsos. Já que o indivíduo utiliza seu corpo para demonstrar o que sente, este é um instrumento de diálogo do inconsciente, que se manifesta corporalmente. Dessa forma através do jogo, o aluno brinca sem perceber consciente que está trabalhando o inconsciente.

As crianças interagem com seu próprio corpo, com os materiais e com o outro mediante jogos simbólicos, o que possibilita o desenvolvimento individual e social. Parte importante desse processo é que por meio do brincar leva-se o aluno a expressar suas mais íntimas emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades criando dessa forma um caminho para a autodescoberta, evidenciando suas potencialidades e construindo sua autonomia (LAPIERRE e AUCOUTURIER, 2004).

Dito isto, analisemos as informações fornecidas pela professora através do questionário semiestruturado. No questionário respondido antes do início das sessões de PR, a professora que conhecia R desde de 2009 relatou que ele era o mais novo da turma; que não era integrado com o grupo; falava alto e chorava por tudo, principalmente se fosse contrariado; não participa das



atividades propostas; não prestava atenção; mostrava-se tímido, inseguro e totalmente dependente nas atividades escolares e nas da vida diária, salientou também que tinha resistência em confiar à ponto de criar algum vínculo. Já o questionário respondido ao fim de todas as sessões de PR, a professora respondeu que R, está mais integrado; está mais participativo; teve um crescimento significativo na execução de atividades físicas e cognitivas; está mais independente e com autonomia para resolver seus conflitos com seus colegas. A professora além disso, assinalou a evolução no desenvolvimento de R na fala, na autonomia para se vestir e se calçar, na participação mais ativa nas atividades em geral o que demonstra melhor aproveitamento na aprendizagem escolar. Segundo ela, para R as sessões psicomotoras foram significativas para seu amadurecimento autônomo, tanto no convívio social, na disposição para brincar e ser mais afetuoso com seus colegas de sala, como também para se auto conhecer e se sentir seguro, pois R não está mais se isolando e chorando com tanta facilidade.

Na educação infantil Barbosa (2008) salienta que em se tratando do desenvolvimento autônomo de crianças nessa fase, o jogo é essencial para todo o processo de desenvolvimento destes, tendo como função principal a assimilação da realidade o que é primordialmente útil para a expressividade do aluno. A autora ainda aponta que na concepção Piagetiana, os jogos são assimilações funcionais, de ações individuais aprendidas, que geram sentimentos de prazer pela ação lúdica em si e também pelo domínio das ações. Dessa forma os jogos consolidam os esquemas já formados e dão prazer e equilíbrio emocional à criança. De igual modo a autora cita Vygotsky que notabiliza a influência do lúdico no desenvolvimento da criança, ressaltando que é através do jogo que a criança pode aprender a agir, estimular sua curiosidade, adquirir iniciativa e autoconfiança. Como o brincar é impulso natural da criança, os jogos funcionam como grandes motivadores para o desenvolvimento delas na escola, portanto é através dos jogos, que a criança se envolve emocionalmente em meio a atmosfera de espontaneidade e criatividade, realizando um esforço espontâneo para atingir um objetivo. Da mesma forma que compreende a limitação de tempo: início, meio e fim, também percebe a limitação de espaço, mobilizando esquemas mentais que estimulam o pensamento. Igualmente a existência de regras auxilia no processo de integração social dos alunos e o desenvolvimento afetivo, social, motor e cognitivo deles.

É notório também o crescimento de R, na sequência dos “*settings*” de PR. Por meio das Guia de Acompanhamento Individual e pelos relatórios reflexivos é possível averiguar o seu desenvolvimento em vários fatores psicomotores, como também nas questões afetivas, emocionais, cognitivas e na construção de sua autonomia. Nas primeiras sessões mostrava-se totalmente



inseguro; chorava para não permanecer na sala a não ser com a companhia da auxiliar da professora, quando era frustrado não permanecia no jogo; queria que o adulto resolvesse seus conflitos e não se integrava ao grupo. As sessões de PR incentivaram R na construção de sua autonomia. Todas as sessões foram realizadas por meio do jogo simbólico de forma lúdica e espontânea, e o que observamos, foi que R com o passar delas, estava mais seguro; passou a permanecer na sessão explorando os objetos, o espaço e a relação com os outros corporalmente; demonstrando até certa independência na construção de sua autonomia resolvendo seus conflitos sem chorar e sem a presença do adulto, participando do jogo simbólico com criatividade e de forma construtiva.

Com a prática da PR a criança decide as brincadeiras e passa a desenvolver uma relação com o corpo, com o outro e com o ambiente iniciando uma jornada de sensações possibilitando a oportunidade dessa tomada de consciência. Nesta perspectiva, Lapierre e Aucouturier, (2004), perfazem que um corpo que se situa, sente, age e se relaciona com o meio, se integra a partir das vivências e se expressa corporalmente cria um caminho para a autonomia.

Dado isso, arriscamos fazer uma analogia do espectro de Muska Mooston que trata dos estilos de ensino, mas podemos fazer relação com os métodos dos jogos, se enfatizarmos a aplicabilidade em si:

CLASSIFICAÇÃO	MÉTODO	COMPORTAMENTO
Autonomia	Solução de Problemas	Criativo ↑ Reprodutivo
Heteronomia	Descoberta orientada	
Heteronomia	Programação individualizada	
Heteronomia	Orientação recíproca	
Heteronomia	Tarefas	
Anomia	Comandos	

Quadro 2: espectro de Muska Mooston, fonte: COQUEREL, 2012 apud KRUG, 2009).

Analisando parcialmente o espectro e perfazendo uma comparação dele como os métodos de jogos, percebemos que é possível manipular os elementos que caracterizam um jogo provocando assim a aprendizagem. O método pode gerar resultados/comportamentos desde a autonomia, a heteronomia até a anomia dos participantes. Seguindo o quadro em análise, a solução de problemas está no princípio de seu modelo e tem como característica a autonomia, a qual é possível pelo comportamento criativo. Já, o uso de comando e métodos diretivos, onde a reprodução está como



base comportamental, a característica principal pode ser denominada como anomia, que pode ser aqui classificada como falta de objetivo, confusão e perda de identidade. Dessa forma, quando a criatividade é evidenciada, a criança expressa emoções, sentimentos, ideias e conhecimentos para então solucionar os problemas. Em se tratando de alunos na Educação infantil, como dito anteriormente, as crianças nessa faixa etária, aprendem pelas experiências vividas, com seu próprio corpo, com o outro e com o meio. Partindo desse princípio, se essas experiências forem motivacionais, criativas, espontâneas e lúdicas, conseqüentemente o aprendizado será prazeroso e com certeza proveitoso. Portanto, crianças aprendem e se desenvolvem melhor brincando criativamente do que quando há apenas diretividade, o que se confirma quando visualizamos o espectro de Muska Mooston. Depois de percorrida a importância do estilo para a aplicabilidade dos jogos, podemos continuar com a Psicomotricidade evidenciando uma de suas vertentes a Psicomotricidade Relacional (PR), onde o método desta prática educativa parte justamente dos princípios que segundo o espectro, geram comportamento autônomo, o jogo espontâneo, a criatividade e a ludicidade, vertente esta utilizada em nossa pesquisa.

É sempre fundamental como também dito anteriormente, proporcionar ao aluno, a chance de brincar e criar brincadeiras e jogos, o que além de proporcionar prazer, contribui significativamente para seu desenvolvimento. Dessa forma, a Psicomotricidade pode proporcionar a oportunidade ilimitada de vivências corporais e lúdicas a fim de estimular a criatividade e liberar a expressividade. Essa prática educativa assegura o desenvolvimento integral visando não só o desenvolvimento básico da criança, mas também o sensorial, o perceptivo, o afetivo o social e o motor (SEC, s.d.). Antes de prosseguirmos, asseguremos a legitimidade da Psicomotricidade com seu conceito pela Associação Brasileira de Psicomotricidade:

Psicomotricidade é a ciência que tem como objeto de estudo o homem através do seu corpo em movimento e em relação ao seu mundo interno e externo. Está relacionada ao processo de maturação, onde o corpo é a origem das aquisições cognitivas, afetivas e orgânicas. É sustentada por três conhecimentos básicos: o movimento, o intelecto e o afeto (A.B.P., s.d.).

Portanto, a Psicomotricidade caracteriza o movimento integrado e organizado e toda a expressividade em um contexto psicossocial abordando esse movimento como integralizador do sujeito consigo mesmo, com os outros, os objetos e o mundo. A vertente da Psicomotricidade Relacional (PR), parte desses princípios, e se utiliza dos jogos simbólicos onde os alunos são os principais criadores dessa atividade espontânea, o que é apenas uma das ilimitadas possibilidades da Psicomotricidade para a construção de seres autônomos.



Todavia, se um aluno manifesta autonomia em uma determinada circunstância, não há evidências que isso criará laços automáticos quando em uma circunstância diferente. Em se tratando das manifestações corporais, se ele por exemplo pular corda excepcionalmente, intuitivamente demonstrará satisfação por dominar determinados gestos necessários para pular, mas quando a brincadeira acaba, não há garantias de que em outros contextos ele manifeste tamanha autonomia, a não ser que o aluno tenha a chance de tomar consciência de sua prática (FREIRE e SCAGLIA, 2011). Assim sendo, a consolidação da autonomia parte do princípio da tomada de consciência e manifestações autônomas, as quais podem ser alcançadas pela Psicomotricidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os apontamentos, concluímos que só se pode aprender autonomia tendo atitudes autônomas. Dessa forma, é relevante criar condições ambientais favoráveis para que o aluno possa agir com autonomia (FREIRE e SCAGLIA, 2011.) Assim para que essa autonomia se estenda a outros contextos, a prática da PR proporciona a expressividade necessária para alcançar tal façanha. Quando o aluno vivencia por meio do jogo simbólico a capacidade ilimitada de experiências lúdicas, sua expressividade trilha para o desenvolvimento de sua autonomia e sua tomada de consciência. Contudo, sabemos que o trabalho apresentado não corresponde as únicas ou melhores formas da prática da Psicomotricidade, já que as possibilidades são infinitas e podem ser aprimoradas e diversificadas. Porém, afirmamos que abusar do lúdico e da expressividade do corpo segue por um caminho muito promissor para o desenvolvimento integral e a construção autônoma de toda e qualquer criança.



REFERÊNCIAS

A construção da autonomia em sala de aula: o desafio da mudança, 2017. Dica de leitura: <http://www.educacao.faber-castell.com.br>. Acesso em: 10 de set. 2017.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOMOTRICIDADE. Disponível em: <http://psicomotricidade.com.br/sobre/o-que-e-psicomotricidade/>. Acesso em: 01 de out. 2017.

BARBOSA, Rita de Cassia Martins, Escola Superior Aberta do Brasil, Módulo de: Psicomotricidade, Jogos e Recreação. 1.ed.: 2008

BENEDET, Jaison Casagrande. Atividades Lúdica e as Contribuições para a Educação Infantil. 2011. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/1630/1/Jaison%20Casagrande%20Benedet.pdf>. Acesso em: 09 de set. 2017.

COQUEREL, Patrick R. S. Psicomotricidade e Recreação: Dinâmicas e Jogos. Curitiba: Fael, 2012.

FREIRE, João Batista, SCAGLIA, Alcides José. Educação como prática corporal: pensamento e ação na sala de aula. São Paulo: Spicione, 2011. 109-113p.

LAPIERRE, André; AUCOUTURIER, Bernard. A Simbologia do movimento: psicomotricidade e educação. 3. ed. Curitiba: Filosofart Editora, 2004. 116p.

SÁNCHEZ, P. A.; MARTINEZ, M. R.; PEÑALVER, I. V. A Psicomotricidade na Educação Infantil: uma prática preventiva e educativa. Porto Alegre: Artmed, 2003.

SEC, Sistema Empresarial Cezar. Apostila Curso de Capacitação: Psicomotricidade/Brinquedos e Jogos Pedagógicos. S.D.

VAZ, Antônio Carlos. Educação, Corpo e Movimento. Curitiba: Iesde, 2010.